

Além do Nascimento e da Morte

1. Nós não somos estes corpos

*dehī nityam avadhyo 'yam / dehe sarvasya bhārata
tasmāt sarvāṇi bhūtāni / na tvam śocitum arhasi*

“Ó descendente de Bharata, aquele que mora no corpo é eterno e nunca é possível matá-lo. Por isso, não precisas te lamentar por nenhuma criatura” (*Bhagavad-gītā*, 2.30).

O primeiro passo na auto-realização é compreendermos que nossa identidade é algo à parte do corpo. “Eu não sou este corpo, mas sim uma alma espiritual” é uma realização essencial para qualquer pessoa que deseje transcender a morte e entrar no mundo espiritual que está mais além. Não é simplesmente uma questão de dizer: “Eu não sou este corpo”, mas de realmente compreender isto. Mas, isto não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Embora não sejamos estes corpos, e sim consciência pura, de alguma forma ficamos cobertos pela vestimenta corpórea. Se realmente desejamos a felicidade e a independência que transcendem à morte, temos de nos estabelecer e permanecer em nossa posição constitucional como consciência pura.

Vivendo sob a concepção corpórea, nossa idéia de felicidade é similar à de um delirante. Alguns filósofos afirmam que esta condição delirante da identificação com o corpo deve ser curada abstendo-se de toda a ação. Por estas atividades materiais serem uma fonte de sofrimento para nós, eles alegam que devemos suspender tais atividades. O auge de perfeição deles é um tipo de *nirvāṇa* budista, no qual não se executa nenhuma atividade. Buddha afirmava que este corpo existe devido a uma combinação de elementos materiais, e que se, de alguma forma, tais elementos se separam ou se desagregam, a causa do sofrimento é eliminada. Se o cobrador de impostos nos causa muita dificuldade porque possuímos uma casa grande, uma solução simples para o problema é destruir a casa. No entanto, o *Bhagavad-gītā* indica que este corpo material não é tudo. Além desta combinação de elementos materiais, existe o espírito, e o sintoma deste espírito é a consciência.

A consciência é algo inegável. Um corpo sem consciência é um corpo morto. Assim que a consciência é removida do corpo, a boca não fala mais, o olho não vê mais, nem os ouvidos podem escutar. Até uma criança pode entender isto. É um fato que a consciência é absolutamente necessária para a animação do corpo. Que é esta consciência? Assim como o calor ou a fumaça são sintomas do fogo, da mesma forma, a consciência é o sintoma da alma. A energia da alma, ou do eu, é produzida sob a forma de consciência. De fato, a consciência prova que a alma está presente. Esta não é unicamente a filosofia do *Bhagavad-gītā*, mas sim a conclusão de toda a literatura védica.

A escola impersonalista de Śāṅkarācārya, como também os vaiṣṇavas que seguem a linha de sucessão discipular que começa com o Senhor Kṛṣṇa, reconhecem a existência concreta da alma, mas os filósofos budistas não. Os budistas afirmam que em um determinado estágio a combinação de matéria produz a consciência, mas este argumento é refutado pelo fato de que, embora possamos ter à nossa disposição todos os elementos que constituem a matéria, não podemos produzir consciência a partir deles. É possível que todos os elementos materiais estejam presentes no corpo de um morto, mas não podemos recuperar a consciência desse homem. Este corpo não é como uma máquina. Quando uma parte de uma máquina se quebra, é possível substituí-la, e a máquina funcionará novamente; mas, quando o corpo sofre uma avaria e a consciência o abandona, não há possibilidade de repor a parte afetada e renovar a consciência. A alma é diferente do corpo, e, enquanto a alma se encontra dentro dele, o corpo é animado. Mas não é possível animar o corpo se a alma está ausente.

Negamos a alma porque nossos sentidos grosseiros nos impedem de percebê-la. Na realidade, há muitas coisas que não podemos ver. Não podemos ver o ar, as ondas radiofônicas ou o som, nem, com nossos sentidos embotados, perceber as bactérias diminutas, mas isto não significa que estas coisas não existam. Com a ajuda do microscópio e outros instrumentos, é possível perceber muitas coisas que anteriormente eram negadas pelos sentidos imperfeitos. Não devemos concluir que a alma, cujo tamanho é atômico, não existe simplesmente porque ela ainda não foi percebida por sentidos ou instrumentos. Entretanto, a alma pode ser percebida através de seus sintomas e efeitos.

No *Bhagavad-gītā*, Śrī Kṛṣṇa indica que todas as nossas misérias devem-se à identificação falsa com o corpo. “Ó filho de Kuntī, o aparecimento temporário do calor e do frio, da felicidade e da aflição, e seu desaparecimento no devido tempo, são como o aparecimento e o desaparecimento das estações de inverno e verão: surgem da percepção sensorial, ó descendente de Bharata, e deve-se aprender a tolerá-los sem se

Além do Nascimento e da Morte

perturbar” (*Bhagavad-gītā*, 2.14).

No verão, podemos sentir prazer no contato com a água, mas, no inverno, evitamos tanto quanto possível essa mesma água porque ela fica muito fria. Em ambos os casos, a água é a mesma, mas nós a percebemos como agradável ou dolorosa devido a seu contato com o corpo. Todos os sentimentos de felicidade e aflição devem-se ao corpo. Sob determinadas condições, o corpo e a mente sentem felicidade ou aflição. Na verdade, ansiamos pela felicidade, pois a posição constitucional da alma é a de felicidade. A alma é parte integrante do Ser Supremo, que é *sac-cid-ānanda-vigrahaḥ* - a personificação do conhecimento, da bem-aventurança e da eternidade. Na verdade, o próprio nome Kṛṣṇa, que não é um nome sectário, significa “o prazer maior”. *Kṛṣ* significa “o maior”, e *ṇa* significa “prazer”. Kṛṣṇa é a essência do prazer, e nós, sendo partes integrantes dEle, ansiamos pelo prazer. Uma gota d’água do mar tem todas as propriedades do oceano em si, e nós, embora sejamos partículas diminutas do Todo Supremo, temos as mesmas propriedades energéticas do Supremo.

A alma atômica, embora tão pequena, faz com que todo o corpo aja de muitas formas maravilhosas. No mundo, vemos muitas cidades, estradas, pontes, grandes edifícios, monumentos e grandes civilizações, mas quem fez tudo isto? Tudo isto foi feito pela centelha espiritual diminuta que está dentro do corpo. Se coisas tão maravilhosas assim podem ser realizadas pela centelha espiritual diminuta, não podemos sequer imaginar o que o Supremo Espírito Total pode fazer. A centelha espiritual diminuta anseia naturalmente pelas qualidades do Todo - conhecimento, bem-aventurança e eternidade - mas estas ânsias são frustradas devido ao corpo material. No *Bhagavad-gītā* é dada a informação sobre como satisfazer o desejo da alma.

Atualmente, estamos tentando alcançar a eternidade, a bem-aventurança e o conhecimento mediante um instrumento imperfeito. Na realidade, nosso avanço em direção a estes objetivos está sendo obstruído pelo corpo material, e, portanto, é preciso que cheguemos à realização de nossa existência além do corpo. O conhecimento teórico de que não somos estes corpos não é suficiente. Temos que nos manter sempre separados do corpo como senhores dele, e não como servos. Se soubermos dirigir bem um automóvel, este nos prestará bons serviços; do contrário, correremos perigo.

O corpo é composto de sentidos, e os sentidos estão sempre ansiosos por seus objetos. Os olhos vêem uma pessoa bonita e nos dizem: “Olha que moça bonita, que rapaz bonito. Vamos vê-los”. Os ouvidos nos dizem: “Olha que música incrível! Ouçamo-la”. A língua diz: “Olha! Aquele restaurante é muito bom e tem pratos deliciosos. Vamos lá”. Dessa maneira, os sentidos estão nos arrastando de um lugar a outro, e por isso estamos confusos.

“Assim como um barco sobre as águas é arrastado por um vento forte, mesmo um só dos sentidos que a mente focalize pode arrastar a inteligência de um homem” (*Bhagavad-gītā* 2.67).

É imprescindível que aprendamos a controlar os sentidos. O nome *gosvāmī* é dado a quem aprendeu a dominar os sentidos. *Go* significa “sentidos”, e *svāmī* significa “controlador”. Assim, aquele que controla os sentidos é considerado um *gosvāmī*. Kṛṣṇa indica que aquele que se identifica com o corpo material ilusório não pode se estabelecer em sua verdadeira identidade como alma espiritual. O prazer corpóreo é oscilante e embriagante, e não podemos desfrutá-lo realmente devido à sua natureza momentânea. O verdadeiro prazer é o prazer da alma, e não o do corpo. Devemos moldar nossas vidas de tal maneira que não sejamos desviados pelo prazer corpóreo. Se nos desviamos de alguma forma, não é possível estabelecer nossa consciência em sua verdadeira identidade além do corpo: “Nas mentes daqueles que estão excessivamente apegados ao gozo dos sentidos e à opulência material, e que são confundidos por tais coisas, a determinação resoluta para o serviço devocional ao Senhor Supremo não ocorre. Os *Vedas* tratam principalmente dos três modos da natureza material. Eleva-te acima desses modos, ó Arjuna, e transcende-os. Liberta-te de todas as dualidades e de todas as ansiedades por ganhos e segurança, e estabelece-te no Eu” (*Bhagavad-gītā* 2.44-45).

A palavra *veda* significa “livro de conhecimento”. Existem muitos livros de conhecimento que variam de acordo com o país, a população, o ambiente, etc. Na Índia, os livros de conhecimento são chamados *Vedas*. No Ocidente, são chamados de o Antigo e o Novo Testamentos. Os muçulmanos aceitam o Alcorão. Qual o objetivo de todos estes livros de conhecimento? Eles são feitos para nos capacitar a entender nossa posição como almas puras. Seu objetivo é limitar as atividades corpóreas a determinadas regras e regulações, conhecidos como códigos morais. A Bíblia, por exemplo, tem dez mandamentos destinados a regular nossas vidas. O corpo deve ser controlado para que possamos alcançar a perfeição mais elevada, e, sem princípios reguladores, não podemos aperfeiçoar nossas vidas. Os princípios reguladores podem diferir de país para país, ou de uma escritura para outra. Mas isto não importa, pois eles são feitos de acordo com tempo e circunstâncias e de acordo com a mentalidade do povo. Mas, o princípio do controle regulador é o mesmo. Analogamente, o governo determina certos regulamentos que devem ser obedecidos por seus cidadãos. Não há possibilidade do governo ou civilização evoluir sem determinados regulamentos. No verso acima, Śrī Kṛṣṇa diz a Arjuna que os princípios reguladores dos *Vedas* destinam-se a controlar os três modos da natureza material - bondade, paixão e ignorância (*traiguṇya-viṣayā vedāḥ*). Contudo, Kṛṣṇa aconselha a Arjuna que se estabeleça em sua posição constitucional pura como alma espiritual, além das dualidades da natureza material.

Como já indicamos, estas dualidades - tais como calor e frio, prazer e dor - surgem devido ao contato dos

Além do Nascimento e da Morte

sentidos com os seus objetos. Em outras palavras, nascem da identificação com o corpo. Kṛṣṇa indica que aqueles que se dedicam ao prazer e ao poder deixam-se levar pelas palavras dos *Vedas*, que prometem prazer celestial por intermédio do sacrifício e da atividade regulada. Temos o direito natural de desfrutar, pois esta é a característica da alma espiritual. Mas, a alma espiritual tenta gozar materialmente, e aí está o erro.

Todos estão voltados para assuntos materiais relativos ao prazer, e compilam tanto conhecimento quanto possível. Uns se tornam químicos, físicos, políticos, artistas ou o que seja. Todos sabem um pouco de tudo e tudo de alguma coisa, e é isto o que eles chamam geralmente de conhecimento. Mas, assim que abandonamos o corpo, todo este conhecimento se vai. Numa vida anterior, podemos ter sido grandes sábios, mas nesta vida temos de começar tudo de novo, indo à escola para aprender a ler e escrever desde o início. Todo o conhecimento material adquirido numa vida anterior é esquecido. O que acontece, na realidade, é que estamos procurando conhecimento eterno, mas este conhecimento não pode ser adquirido por intermédio desse corpo material. Todos nós estamos buscando o prazer através desses corpos, mas o prazer corpóreo não é o nosso prazer verdadeiro, pois é um prazer artificial. Temos de entender que, se quisermos continuar com este prazer artificial, não seremos capazes de atingir nossa posição de prazer eterno.

O corpo deve ser considerado como uma condição doente. Um homem doente não pode se satisfazer adequadamente. Para um homem doente de icterícia, por exemplo, o açúcar-cande tem um gosto amargo, ao passo que um homem saudável pode saborear-lhe a doçura. O açúcar-cande é o mesmo em ambos os casos, mas, dependendo de nossa condição, ele tem um gosto diferente. A menos que nos curemos desta concepção doente da vida corpórea, não poderemos saborear a doçura da vida espiritual. Na verdade, ela vai parecer amarga para nós. Ao mesmo tempo, por aumentarmos o nosso desfrute da vida material, agravamos ainda mais a nossa doença. Um paciente de tifo não pode comer alimentos sólidos, e, se alguém lhe dá alimentos sólidos para comer e ele os aceita, complica mais sua enfermidade e põe sua vida em perigo. Se queremos realmente nos libertar das misérias da existência material, devemos reduzir ao mínimo os prazeres e demandas de nossos corpos.

Na verdade, o prazer material não é prazer em absoluto. O prazer verdadeiro não tem fim. Há um verso no *Mahābhārata - ramante yogino 'nante* - significando que os *yogis* (*yogino*), que estão se esforçando para se elevar à plataforma espiritual, estão gozando realmente (*ramante*), mas o seu gozo é *anante* — sem fim. Isto porque o prazer que eles sentem está relacionado com Śrī Kṛṣṇa, o Supremo Desfrutador (Rāma). Bhagavān Śrī Kṛṣṇa é o verdadeiro desfrutador, e isto está confirmado no *Bhagavad-gītā*: “Os sábios, conhecendo-Me como o desfrutador último de todos os sacrifícios e austeridades, o Senhor Supremo de todos os planetas e semideuses, o benfeitor e benquerente de todas as entidades vivas, ficam livres da aflição das misérias materiais” (*Bhagavad-gītā* 5.29).

Bhoga significa “prazer”, e o nosso prazer vem do entendimento de nossa posição como desfrutados. O Senhor Supremo é o verdadeiro desfrutador, e nós somos desfrutados por Ele. Podemos encontrar um exemplo desta relação no mundo material entre o esposo e a esposa: o esposo é o desfrutador (*puruṣa*), e a esposa é a desfrutada (*prakṛti*). A palavra *pri* significa “mulher”. *Puruṣa*, ou espírito, é o sujeito, e *prakṛti*, ou natureza, é o objeto. Contudo, tanto o esposo quanto a esposa desfrutam do prazer. No momento do prazer não há a distinção de que o esposo desfruta mais ou de que a esposa desfruta menos. Embora o macho seja o predominador, e a fêmea, a predominada, não há divisões no momento do prazer. Numa escala maior, nenhuma entidade viva é o desfrutador.

Deus Se expande em muitas formas, e nós constituímos essas expansões. Deus é único e inigualável, mas Ele desejou tornar-Se em muitos para desfrutar. Sabemos por experiência que praticamente não há prazer em se sentar sozinho em um quarto e conversar com as paredes. Entretanto, se há cinco pessoas presentes, nosso prazer aumenta, e se podemos conversar sobre Kṛṣṇa diante de muitas pessoas, o prazer é maior ainda. Prazer significa variedade. Deus multiplicou-Se para Seu prazer, e desse modo nossa posição é a de desfrutados. Esta é a nossa posição constitucional e o objetivo para o qual fomos criados. Tanto o desfrutador quanto o desfrutado têm consciência, mas a consciência do desfrutado é subordinada à consciência do desfrutador. Apesar de Kṛṣṇa ser o desfrutador e nós, os desfrutados, todos podemos participar igualmente do prazer. Nosso prazer pode ser aperfeiçoado quando participamos do prazer de Deus. Não é possível que desfrutemos separadamente na plataforma corpórea. Em todo o *Bhagavad-gītā*, o gozo material na plataforma corpórea grosseira é desencorajado: “Ó filho de Kuntī, o aparecimento temporário do calor e do frio, da felicidade e da aflição, e seu desaparecimento no devido tempo, são como o aparecimento e o desaparecimento das estações de inverno e verão: surgem da percepção sensorial, ó descendente de Bharata, e deve-se aprender a tolerá-los sem se perturbar” (*Bhagavad-gītā* 2.14).

O corpo material grosseiro é um resultado da interação dos modos da natureza material, estando fadado à destruição.

*antavanta ime dehā / nityasyoktāḥ śārīriṇaḥ
anāśīno 'prameyasya / tasmād yudhyasva bhārata*

Além do Nascimento e da Morte

“Só o corpo material da entidade viva indestrutível, incomensurável e eterna está sujeito à destruição; por isso, luta, ó descendente de Bharata” (*Bhagavad-gītā* 2.18).

Portanto, Śrī Kṛṣṇa nos anima a transcender a concepção de existência corpórea e chegar à nossa verdadeira vida espiritual.

*guṇān etān atītya trīn / dehī deha-samudbhavān
janma-mṛtyu-jarā-duḥkhair / vimukto 'mṛtam aśnute*

“Quando o ser corporificado é capaz de transcender estes três modos (bondade, paixão e ignorância), ele pode libertar-se do nascimento, da morte, da velhice e de suas aflições, podendo desfrutar o néctar, mesmo nesta vida” (*Bhagavad-gītā* 14.20).

Para nos estabelecermos na plataforma espiritual brahma-bhūta pura, acima dos três modos, devemos adotar o método da consciência de Kṛṣṇa. A dádiva do Senhor Caitanya Mahāprabhu, o cantar dos nomes de Kṛṣṇa - Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare -, facilita este processo. Este método é chamado *bhakti-yoga*, ou *mantra-yoga*, e é empregado pelos mais elevados transcendentalistas. A forma como os transcendentalistas compreendem sua identidade além do nascimento e da morte, além do corpo material, e a forma como eles se transferem do Universo material para os universos espirituais, são os temas dos capítulos seguintes.

2. Elevação à hora da morte

Há diferentes classes de transcendentalistas que são chamados *yogīs* — *hatha-yogīs*, *jñāna-yogīs*, *dhyāna-yogīs* e *bhakti-yogīs* — e todos eles são aptos a se transferir ao mundo espiritual. A palavra *yoga* significa “unir-se”, e os sistemas de *yoga* destinam-se a nos capacitar à união com o mundo transcendental. Como mencionamos no capítulo anterior, originalmente todos nós estamos ligados ao Senhor Supremo, mas agora estamos sendo influenciados pela contaminação material. A meta deste processo de união chamado *yoga* é retornar ao mundo espiritual. Outro significado da palavra *yoga* é “mais”. Atualmente, estamos sem Deus, ou sem o Supremo. Quando somamos Kṛṣṇa — ou Deus — a nossas vidas, esta forma humana de vida torna-se perfeita.

No momento da morte, temos que concluir este processo de perfeição. Durante a vida, temos de praticar o método de como nos aproximar desta perfeição para que, no momento da morte — quando tivermos que abandonar este corpo material —, esta perfeição possa ser realizada.

“Aquele que, à hora da morte, fixa seu ar vital entre as sobranceiras e, com toda a devoção, ocupa-se em se lembrar do Senhor Supremo, certamente irá ter com a Suprema Personalidade de Deus” (*Bhagavad-gītā* 8.10).

Assim como um estudante estuda uma matéria durante quatro ou cinco anos e depois faz seu exame e recebe um diploma, analogamente, com a matéria da vida, se praticamos durante nossas vidas a fim de prestar exame à hora da morte, e se passamos nesse exame, somos transferidos para o mundo espiritual. Tudo o que fizemos é testado à hora da morte.

“Indubitavelmente, qualquer que seja o estado de ser de que nos lembremos ao abandonar o corpo, este será o estado que alcançaremos” (*Bhagavad-gītā* 8.6).

Há um provérbio bengali que diz que qualquer coisa que se faça para alcançar a perfeição será posta à prova à hora da morte. No *Bhagavad-gītā*, Kṛṣṇa descreve o que se deve fazer ao abandonar o corpo. Para o *dhyāna-yogī* (o meditador), Śrī Kṛṣṇa fala os seguintes versos: “As pessoas versadas nos Vedas, que pronunciam o *omkāra* e que são grandes sábios na ordem renunciada, entram no Brahman. Aquele que deseja tal perfeição pratica o celibato. Agora te explicarei este processo através do qual pode-se alcançar a salvação. A situação ióguica é a situação em que nos desapegamos de todas as ocupações sensuais. Aquele que fecha todas as portas dos sentidos e fixa a mente no coração e o ar vital, na parte superior da cabeça, se estabelece na *yoga*” (*Bhagavad-gītā* 8.11-12).

No sistema de *yoga*, este processo é chamado *pratyāhāra*, que significa “justamente o oposto”. Mesmo que durante a vida os olhos tenham se ocupado em contemplar a beleza mundana, à hora da morte têm-se que retraindo os sentidos de seus objetos e contemplar a beleza interior. Analogamente, os ouvidos estão habituados a escutar muitos sons no mundo, mas, à hora da morte, tem-se que, interiormente, escutar o *omkāra* transcendental.

“Após situar-se nesta prática de *yoga* e vibrar a sílaba sagrada *om*, a suprema combinação de letras, aquele que, ao abandonar o corpo, pensar na Suprema Personalidade de Deus, certamente alcançará os planetas espirituais” (*Bhagavad-gītā* 8.13).

Dessa maneira, tem-se que parar com as atividades externas dos sentidos e concentrá-los na forma de viṣṇu-mūrti, a forma de Deus. A mente é muito turbulenta, mas tem que se fixar no Senhor dentro do coração. Quando fixamos a mente dentro do coração e o ar vital é transferido para a parte superior da cabeça, podemos alcançar a perfeição da *yoga*.

É neste momento que o *yogī* determina para onde quer ir. No Universo material existem inumeráveis planetas, e além deste Universo existe o Universo espiritual. Os *yogīs* têm informação destes lugares através dos textos védicos. Assim como uma pessoa que esteja indo para os Estados Unidos pode ter uma idéia de como é o país através da leitura de livros, também é possível ter conhecimento dos planetas espirituais através da leitura dos textos védicos. O *yogī* conhece todas estas descrições, e pode transferir-se para qualquer planeta que deseje, sem a ajuda de naves espaciais. A viagem espacial através de meios mecânicos não é o processo aceito para a elevação a outros planetas. Talvez, depois de muito tempo, esforço e dinheiro uns poucos homens sejam capazes de atingir outros planetas por meios materiais — naves espaciais, roupas espaciais, etc. — mas este método é muito incômodo e não é prático. De qualquer modo, não é possível ir além do Universo material por meios mecânicos.

O método geralmente aceito para transferência a planetas superiores é a prática do sistema de *yoga* meditativa, ou sistema *jñāna*. O sistema de *bhakti-yoga*, entretanto, não é para ser praticado para a transferência a algum planeta material, pois, aqueles que são servos de Kṛṣṇa, o Senhor Supremo, não estão interessados em nenhum planeta deste mundo material porque eles sabem que em qualquer planeta do céu material estão presentes os quatro princípios: nascimento, velhice, doença e morte. Nos planetas superiores, a duração de vida pode ser maior do que na Terra, mas, de qualquer modo, existe a morte. Quando falamos

Além do Nascimento e da Morte

“Universo material”, estamos nos referindo aos planetas onde há nascimento, velhice, doença e morte, e, quando falamos “Universo espiritual”, referimo-nos aos planetas onde não há nascimento, velhice, doença e morte. Aqueles que são inteligentes não tentam se elevar a nenhum planeta dentro do Universo material.

Se alguém tentar entrar nos planetas superiores por meios mecânicos, a morte instantânea lhe será inevitável, porque o corpo não consegue suportar as transformações radicais de atmosfera. Mas, aquele que tentar ir aos planetas superiores por meio do sistema da *yoga*, adquirirá um corpo adequado para tal propósito. Podemos ver uma demonstração disto na Terra, pois sabemos que não nos é possível viver no mar, dentro de uma atmosfera aquática, nem é possível que os seres aquáticos vivam na terra. Assim como entendemos que mesmo neste planeta tem-se que ter um tipo de corpo específico para se poder viver num determinado local, da mesma forma, podemos entender que é necessário um tipo de corpo particular para se viver em outros planetas. Nos planetas superiores, os corpos vivem muito mais tempo do que na Terra, pois seis meses da Terra equivalem a um dia nos planetas superiores. Assim, os *Vedas* descrevem que aqueles que vivem em planetas superiores vivem mais de dez mil anos terrestres. Mas, apesar deste período de vida tão longo, a morte espera por todos. Mesmo que se vivam vinte mil ou cinqüenta mil ou até milhões de anos, no mundo material os anos estão contados, e a morte está sempre presente. Como escapar ao jugo da morte? Esta é a lição do *Bhagavad-gītā*:

*na jāyate mriyate vā kadācin / nāyam bhūtvā bhavitā vā na bhūyaḥ
ajo nityaḥ śāśvato 'yam purāṇo / na hanyate hanyamāne śarīre*

“Para a alma, nunca há nascimento nem morte. E, já que existe, ela nunca deixa de existir. Ela é não-nascida, eterna, sempre existente, imortal e primordial. Ela não é aniquilada quando o corpo é aniquilado” (*Bhagavad-gītā* 2.20).

Somos almas espirituais e, portanto, somos eternos. Por que, então, nos sujeitaríamos ao nascimento e à morte? Uma pessoa que faz esta pergunta deve ser considerada inteligente. Aqueles que são conscientes de Kṛṣṇa são muito inteligentes porque não estão interessados em conseguir entrar em nenhum planeta onde exista a morte. Eles preferem rejeitar uma longa duração de vida para, em troca, conseguir um corpo como o de Deus. *Īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ sac-cid-ānanda-vigrahaḥ*. *Sat* significa “eterno”; *cit*, “pleno de conhecimento”; e *ānanda*, “pleno de prazer”. Kṛṣṇa é o reservatório de todo o prazer. Se nos transferirmos deste corpo para o mundo espiritual — seja para Kṛṣṇaloka, o planeta de Kṛṣṇa, seja para qualquer outro planeta espiritual — vamos receber também um corpo *sac-cid-ānanda*. Dessa maneira, a meta daqueles que estão na consciência de Kṛṣṇa é diferente da meta daqueles que estão tentando promover-se a planetas superiores dentro deste mundo material.

O eu ou alma do indivíduo é uma centelha espiritual diminuta. A perfeição da *yoga* está na transferência desta centelha espiritual para a parte superior da cabeça. Tendo conseguido isto, o *yogī* pode se transferir para qualquer planeta do mundo material que ele deseje. Se o *yogī* tem curiosidade de saber como é a Lua, ele pode transferir-se para lá, ou se está interessado nos planetas superiores, ele pode transferir-se para esses planetas, assim como há viajantes que vão a Nova Iorque, Canadá ou outras cidades da Terra. Aonde quer que formos no planeta Terra, veremos que funcionam os mesmos sistemas de visto e alfândega. Analogamente, em todos os planetas materiais podemos ver a ação dos princípios de nascimento, velhice, doença e morte.

Om ity ekākṣaram brahma: à hora da morte, o *yogī* pode pronunciar o *om*, *omkāra*, a forma concisa da vibração sonora transcendental. Se o *yogī* puder vibrar este som e ao mesmo tempo (*mām anusmaran*) lembrar-se de Kṛṣṇa, ou Viṣṇu, ele alcançará a meta mais elevada. O processo da *yoga* consiste em concentrar a mente em Viṣṇu. Os impersonalistas imaginam alguma forma do Senhor Supremo, mas os personalistas não a imaginam, senão que a vêem realmente. Quer O imaginemos, quer O vejamos realmente, temos que concentrar a mente na forma pessoal de Kṛṣṇa.

“Ó filho de Pṛthā, aquele que se lembra de Mim sem desvios Me alcança facilmente, por causa de sua ocupação constante no serviço devocional” (*Bhagavad-gītā* 8.14).

Segundo o *Bhagavad-gītā*, aqueles que estão satisfeitos com a vida, prazer e facilidades temporários não devem ser considerados inteligentes. Segundo o *Gītā*, aquele cuja massa cinzenta é muito reduzida está interessado em coisas temporárias. Se somos eternos, por que, então, estaríamos interessados em coisas temporárias? Ninguém quer ter uma situação instável. Se estamos morando em um apartamento e o proprietário do apartamento nos pede que o desocupemos, ficamos aflitos; mas, se nos mudamos para um apartamento melhor, não nos importamos. Como somos permanentes, naturalmente queremos uma residência permanente. Não queremos morrer porque na verdade somos permanentes. Não queremos envelhecer nem adoecer porque estes estados são externos, ou impermanentes. Embora não seja natural

Além do Nascimento e da Morte

sofrermos de febre, às vezes temos febre, e então precisamos nos precaver e tomar remédios para ficarmos bons novamente. As quatro misérias são como a febre, e são causadas pelo corpo material. Se de alguma forma pudermos sair do corpo material, poderemos escapar das misérias que fazem parte integrante dele.

Para os impersonalistas saírem deste corpo material, Kṛṣṇa aconselha aqui que eles vibrem a sílaba *om*. Dessa maneira, a transmigração deles para o mundo espiritual estará garantida. Entretanto, mesmo que entrem no mundo espiritual, eles não poderão entrar em nenhum planeta daquele mundo. Eles terão de permanecer fora, no *brahmajyoti*. O *brahmajyoti* pode ser comparado à luz do Sol, e os planetas espirituais, ao próprio Sol. No céu espiritual, os impersonalistas permanecem na refulgência do Senhor Supremo, o *brahmajyoti*. Os impersonalistas são colocados no *brahmajyoti* como centelhas espirituais, e dessa maneira o *brahmajyoti* está cheio de centelhas espirituais. Este é o significado de fundir-se na existência espiritual. Não devemos considerar que nos fundimos no *brahmajyoti* no sentido de nos tornarmos unos com ele; a individualidade da centelha espiritual se conserva, mas, como o impersonalista não deseja tomar uma forma pessoal, ele é encontrado como uma centelha espiritual nessa refulgência. Assim como a luz do Sol é composta de muitas partículas atômicas, o *brahmajyoti* é composto de muitas centelhas espirituais.

Contudo, como entidades vivas, nós queremos o prazer. A existência por si só não é suficiente. Além da existência (*sat*), queremos a bem-aventurança (*ānanda*). Em sua totalidade, a entidade viva é composta de três qualidades — eternidade, conhecimento e bem-aventurança. Aqueles que penetram no *brahmajyoti* impessoal podem permanecer lá por algum tempo em completo conhecimento de que agora estão fundidos homoganeamente com o Brahman, mas não podem ter aquela *ānanda*, bem-aventurança eterna, pois este fator está ausente. Podemos permanecer sós em um quarto por algum tempo, deleitando-nos com a leitura de um livro ou absortos em algum pensamento, mas é impossível permanecermos nesse quarto durante anos e anos seguidos, e muito menos por toda a eternidade. Assim, para aqueles que se fundem impessoalmente na existência do Supremo, há toda a possibilidade de cair novamente no mundo material a fim de conseguir alguma associação. Este é o veredicto do *Śrīmad-Bhāgavatam*. Os astronautas podem viajar milhares e milhares de quilômetros, mas, se não encontram descanso em algum planeta, eles têm que regressar à Terra. De qualquer modo, o descanso é necessário. Mas, na forma impessoal, o descanso é incerto. Portanto, o *Śrīmad-Bhāgavatam* diz que, mesmo depois de tanto esforço, se o impersonalista penetra no mundo espiritual e adquire uma forma impessoal, ele regressa ao mundo material por ter se negado a servir ao Senhor Supremo com amor e devoção. Enquanto estamos aqui na Terra, devemos aprender a prática do amor e serviço a Kṛṣṇa, o Senhor Supremo. Se aprendermos isto, poderemos entrar nesses planetas espirituais. A posição do impersonalista no mundo espiritual é instável, pois, devido à solidão, ele tentará estabelecer algum contato. Por não se associar pessoalmente com o Senhor, ele tem que regressar novamente ao mundo para aqui se associar com entidades vivas condicionadas.

Portanto, é de suma importância que conheçamos a natureza de nossa posição constitucional: queremos a eternidade, o conhecimento completo e o prazer também. Quando somos deixados a sós por um longo tempo, não conseguimos sentir prazer e aceitamos o prazer dado pelo mundo material. Na consciência de Kṛṣṇa, desfruta-se o prazer verdadeiro. No mundo material, o sexo é aceito geralmente como o prazer mais elevado. Este sexo é um reflexo pervertido do prazer sexual no mundo espiritual, o prazer do contato com Kṛṣṇa. Mas não devemos pensar que o prazer lá é como o prazer sexual no mundo material. Não, é diferente. Mas, se não há vida sexual no mundo espiritual, ela não pode ser refletida aqui. No mundo material, o prazer sexual não passa de um reflexo pervertido, mas, a vida verdadeira existe em Kṛṣṇa, que é pleno de todo o prazer. Portanto, o melhor processo é treinarmos agora para que no momento da morte possamos nos transferir para o Universo espiritual, para Kṛṣṇaloka, e, lá, nos associarmos com Kṛṣṇa. No *Brahma-saṁhitā*, Śrī Kṛṣṇa e Sua morada são descritos como segue:

*cintāmaṇi-prakara-sadmasu kalpa-vṛkṣa-
lakṣāvṛteṣu surabhīr abhipālayantam
lakṣmī-sahasra-śata-sambhrama-sevyamānam
govindam ādi-puruṣam tam aham bhajāmi*

“Adoro Govinda, o Senhor primordial, o primeiro progenitor, que cuida das vacas, satisfaz todos os desejos, em moradas construídas com gemas espirituais, rodeado por milhões de árvores que satisfazem todos os desejos, sempre servido com grande reverência e afeição por centenas de milhares de *lakṣmīs*, ou *gopīs*” (Bs. 5.29).

Esta é uma descrição de Kṛṣṇaloka. As casas são feitas de *cintāmaṇi*, gemas espirituais. Tudo o que *cintāmaṇi* toca transforma-se imediatamente em ouro. As árvores são árvores que satisfazem todos os desejos, ou “árvores dos desejos”, pois delas podemos receber o que desejamos. Neste mundo, as

Além do Nascimento e da Morte

mangueiras dão mangas e as macieras, maçãs, mas lá podemos ter o que desejarmos de qualquer árvore. Analogamente, as vacas são chamadas de *surabhi*, e fornecem uma quantidade ilimitada de leite. Estas descrições dos planetas espirituais são encontradas nas escrituras védicas.

Neste mundo material, adaptamo-nos ao nascimento, à morte e a todas as classes de sofrimento. Os cientistas materiais têm descoberto muitas facilidades para o gozo dos sentidos e para a destruição, mas não descobriram nenhuma solução para os problemas da velhice, da doença e da morte. Eles não podem inventar uma máquina que impeça a morte, a velhice ou a doença. Podemos inventar algo que acelere a morte, mas nada que a impeça. Entretanto, aqueles que são inteligentes não estão interessados nas quatro misérias da vida material, mas sim na elevação aos planetas espirituais. Aquele que está continuamente em transe (*nitya-yuktasya yoginah*) não desvia sua atenção para nenhuma outra coisa. Ele está sempre em êxtase. Sua mente está sempre saturada com os pensamentos em Kṛṣṇa, sem desvio (*ananya-cetāḥ satatam*). *Satatam* refere-se a qualquer parte e qualquer momento.

Na Índia, eu vivia em Vṛndāvana, e agora estou na América. Mas, isto não significa que eu esteja fora de Vṛndāvana, porque se penso sempre em Kṛṣṇa, estou sempre em Vṛndāvana, sem levar em conta a designação material. Consciência de Kṛṣṇa significa que se vive sempre com Kṛṣṇa naquele planeta espiritual, Goloka Vṛndāvana, e que se está simplesmente esperando para abandonar este corpo material. *Smarati nityaśaḥ* significa lembrar continuamente, e, para aquele que se lembra de Kṛṣṇa continuamente, o Senhor Se torna *tasyāham sulabhah* — facilmente adquirido. O próprio Kṛṣṇa diz que é facilmente adquirido através deste processo de *bhakti-yoga*. Por que, então, adotar algum outro processo? Nós podemos cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare vinte e quatro horas por dia. Não há regras e regulações. Pode-se cantar na rua, no metrô, em casa ou no escritório. Não há despesas nem impostos. Por que, então, não adotar este método?

3. Libertar-se dos planetas materiais

Os *jñānīs* e os *yogīs* são geralmente impersonalistas, e, apesar de alcançarem a forma temporária de liberação ao se fundirem na refulgência impessoal, o céu espiritual, o conhecimento deles, segundo o *Śrīmad-Bhāgavatam*, não é considerado puro. Através de penitências, austeridades e meditações, eles podem elevar-se à plataforma do Absoluto Supremo, mas, como foi explicado, eles caem novamente no mundo material porque não levam a sério as características pessoais de Kṛṣṇa. A menos que se adotem os pés de lótus de Kṛṣṇa, tem-se que descer novamente à plataforma material. A atitude ideal deve ser: “Sou Teu servo eterno. Permite, por favor, que de alguma forma eu me ocupe em Teu serviço”. Kṛṣṇa é chamado de *ajitah* — o inconquistável —, pois ninguém pode conquistar Deus, mas, de acordo com o *Śrīmad-Bhāgavatam*, aquele que tem esta atitude facilmente conquista o Supremo. O *Śrīmad-Bhāgavatam* nos aconselha também a abandonar este processo fútil de julgar o Supremo. Se não podemos sequer medir os limites do espaço, que dizer então de tentar medir o Supremo? Não podemos medir as dimensões de Kṛṣṇa mediante nosso conhecimento minúsculo, e aquele que chega a esta conclusão é considerado inteligente pela literatura védica. Devemos entender, submissamente, que somos um segmento muito insignificante do Universo. Em vez de querer compreender o Supremo através de nosso conhecimento limitado ou da especulação mental, devemos nos tornar submissos e ouvir a respeito do Supremo através de fontes autorizadas tais como o *Bhagavad-gītā*, ou através dos lábios de uma alma realizada.

No *Bhagavad-gītā*, Arjuna ouve sobre Deus dos lábios do próprio Śrī Kṛṣṇa. Dessa maneira, através da audição submissa, Arjuna estabelece os critérios para que se compreenda o Supremo. Nossa posição é ouvir o *Bhagavad-gītā* dos lábios de Arjuna ou de seu representante autorizado, o mestre espiritual. Após ouvirmos, é necessário que, na vida diária, ponhamos em prática este conhecimento adquirido. “Meu querido Senhor, sois inconquistável”, reza o devoto, “mas, através deste processo, por ouvir, sois conquistado”. Deus é inconquistável, mas Ele é conquistado pelo devoto que desiste da especulação mental e ouve as fontes autorizadas.

Segundo o *Brahma-saṁhitā*, há duas maneiras de adquirir conhecimento — o processo ascendente e o processo descendente. Pelo processo ascendente, elevamo-nos através do conhecimento adquirido por meios próprios. Dessa maneira, pensamos: “Nem livros nem autoridades me interessam. Eu mesmo obterei conhecimento através da meditação, da filosofia, etc. Assim, compreenderei Deus”. O outro processo, o processo descendente, consiste em receber conhecimento de autoridades superiores. O *Brahma-saṁhitā* declara que, se adotarmos o processo ascendente e viajarmos à velocidade da mente e do vento por milhões de anos, ainda assim não obteremos conhecimento. Para aquele que adotar este processo, o assunto permanecerá inalcançável e inconcebível. Mas este assunto é dado no *Bhagavad-gītā: ananya-cetāḥ* — Kṛṣṇa diz para meditarmos nEle com submissão, sem nos desviarmos do caminho do serviço devocional. Para quem O adora dessa maneira — *tasyāham sulabhaḥ*: “Eu Me torno facilmente acessível”. Este é o processo: se alguém trabalha para Kṛṣṇa vinte e quatro horas por dia, Kṛṣṇa não pode esquecê-lo. Por tornar-se submisso, ele pode atrair a atenção de Deus. Como Guru Mahārāja Bhaktisiddhānta Sarasvatī costumava dizer: “Não tentes ver Deus. Por acaso achas que Deus virá e Se colocará diante de nós como um servo, só porque queremos vê-LO? Este não é o método submisso. Temos que agradá-LO através de nosso amor e serviço”.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu legou à humanidade o processo adequado para se aproximar de Kṛṣṇa, e Rūpa Gosvāmī, Seu primeiro discípulo, soube valorizar este processo. Rūpa Gosvāmī era ministro do governo muçulmano, mas deixou o governo para se converter num discípulo de Caitanya Mahāprabhu. Ao encontrar-se com o Senhor pela primeira vez, Rūpa Gosvāmī aproximou-se dEle, dizendo o seguinte verso: “Ofereço minhas respeitadas reverências ao Supremo Senhor Śrī Kṛṣṇa Caitanya, que é mais magnânimo do que qualquer outro *avatāra*, inclusive o próprio Kṛṣṇa, porque Ele está concedendo livremente o que ninguém jamais deu — amor puro por Kṛṣṇa”.

Rūpa Gosvāmī chamou Caitanya Mahāprabhu de “a personalidade mais magnânima e mais caridosa” porque Ele estava oferecendo pelo preço mais baixo a mais preciosa das coisas — o amor a Deus. Todos nós queremos Kṛṣṇa e ansiamos por Ele. Kṛṣṇa é o mais atrativo, o mais belo, o mais opulento, o mais poderoso e o mais erudito. Este é o objeto de nossa ânsia. Ansiamos pelo belo, pelo poderoso, pelo erudito, pelo rico. Kṛṣṇa é o reservatório de todas essas coisas, de modo que só precisamos voltar nossa atenção para Ele, e vamos conseguir tudo. Tudo — tudo o que quisermos. Qualquer que seja o desejo de nosso coração será satisfeito por este processo da consciência de Kṛṣṇa.

Como se declarou anteriormente, para aquele que morre consciente de Kṛṣṇa, a entrada em Kṛṣṇaloka, a morada suprema, onde Kṛṣṇa reside, está garantida. A este respeito, pode ser que se pergunte qual a vantagem de se ir a este planeta, e o próprio Kṛṣṇa responde:

Além do Nascimento e da Morte

*mām upetya punar janma / duḥkhālayam aśāśvatam
nāpnuvanti mahātmānaḥ / saṁsiddhiṁ paramām gatāḥ*

“Após Me alcançarem, as grandes almas, que são *yogīs* com devoção, jamais retornam a este mundo temporário, que é cheio de misérias, porque estes *yogīs* alcançaram a perfeição máxima” (*Bhagavad-gītā* 8.15).

Śrī Kṛṣṇa, o criador, confirma que este mundo material é *duḥkhālayam* — cheio de misérias. Como, então, podemos fazê-lo confortável? É possível fazer este mundo confortável pelo chamado avanço da ciência? Não, não é possível. O resultado é que não queremos sequer saber quais são estas misérias. Como declaramos anteriormente, as misérias do mundo material são o nascimento, a velhice, a doença e a morte, e porque não conseguimos encontrar uma solução para elas, tentamos ignorá-las. A ciência não tem poder para solucionar estas misérias que estão sempre nos incomodando. Ao contrário, os cientistas desviam nossa atenção, fabricando naves espaciais e bombas atômicas. A solução destes problemas é dada aqui no *Bhagavad-gītā*: aquele que atinge a plataforma de Kṛṣṇa não tem de regressar novamente a esta terra de nascimentos e mortes. Devemos tentar entender que este lugar é cheio de misérias. Para podermos compreender isto, é necessário um determinado grau de desenvolvimento da consciência. Os gatos, os cães e os porcos não podem entender que estão sofrendo. O homem é chamado de animal racional, mas sua racionalidade está sendo usada para aumentar suas propensões animais, em vez de ser usada para indagar sobre como libertar-se desta condição miserável. Aqui, Kṛṣṇa declara explicitamente que aquele que vem a Ele jamais renascerá para sofrer tais misérias novamente. As grandes almas que chegam até Ele alcançaram a perfeição máxima da vida, que alivia a entidade viva do sofrimento da existência condicionada.

Uma das diferenças que há entre Kṛṣṇa e um ser comum é que uma entidade comum só pode estar em um local de cada vez, ao passo que Kṛṣṇa pode estar em toda a parte do Universo e, simultaneamente, em Sua própria morada. A morada de Kṛṣṇa no reino transcendental chama-se Goloka Vṛndāvana. A Vṛndāvana da Índia é a mesma Vṛndāvana que desce a esta Terra. Quando Kṛṣṇa desce pessoalmente por intermédio de Sua própria potência interna, Sua *dhāma*, ou morada, também desce com Ele. Em outras palavras, quando Kṛṣṇa desce a esta Terra, Ele Se manifesta nesta região específica. Não obstante, a morada de Kṛṣṇa permanece eternamente na esfera transcendental, nos Vaikuṅṭhas. Neste verso, Kṛṣṇa declara que aquele que chegar à Sua morada nos Vaikuṅṭhas jamais terá que nascer novamente no mundo material. Uma pessoa desse quilate é chamada *mahātmā*. No Ocidente, ouvimos a palavra *mahātmā* geralmente usada em relação a Mahātmā Gandhi, mas devemos entender que *mahātmā* não é o título de um político. Pelo contrário, *mahātmā* refere-se à pessoa de primeira classe, consciente de Kṛṣṇa, elegível a entrar na morada de Kṛṣṇa. A perfeição do *mahātmā* é a seguinte: utilizar a forma humana de vida e os recursos da natureza para sair do ciclo de nascimentos e mortes.

Uma pessoa inteligente sabe que não quer misérias, mas estas misérias lhe são infligidas à força. Como se declarou anteriormente, estamos sempre numa condição miserável por causa da mente, do corpo, dos distúrbios naturais ou de outras entidades vivas. Há sempre alguma espécie de miséria que nos é imposta. Este mundo material é um mundo de misérias; a menos que haja miséria, não podemos chegar à consciência de Kṛṣṇa. As misérias são na verdade um impulso e um auxílio para nos elevar à consciência de Kṛṣṇa. Um homem inteligente pergunta por que estas misérias lhe são impostas à força. Contudo, a atitude da civilização moderna é a seguinte: “Soframos e ocultemos nosso sofrimento, intoxicando-nos de alguma maneira. Isso é tudo”. Mas, assim que a intoxicação acaba, as misérias voltam. Não é possível dar uma solução para as misérias da vida por intermédio da intoxicação artificial. A solução é dada pela consciência de Kṛṣṇa.

Pode ser que chamem a atenção para o fato de que, embora os devotos de Kṛṣṇa estejam tentando entrar no planeta de Kṛṣṇa, as demais pessoas estão interessadas em ir à Lua. Por acaso, ir à Lua também não é perfeição? A tendência de viajar a outros planetas está sempre presente na entidade viva. A entidade viva é chamada de *sarva-gata*, que significa “aquele que quer viajar por toda parte”. Viajar faz parte da natureza da entidade viva. O desejo de ir à Lua não é algo novo. Os *yogīs* também estão interessados em entrar nos planetas superiores, mas, no *Bhagavad-gītā*, Kṛṣṇa chama a atenção para o fato de que isto não ajudará em nada.

*ābrahma-bhuvanāl lokāḥ / punar āvartino 'rjuna
mām upetya tu kaunteya / punar janma na vidyate*

“Desde o planeta mais elevado no mundo material até o planeta mais baixo, todos eles são locais de

Além do Nascimento e da Morte

miséria onde ocorrem repetidos nascimentos e mortes. Mas, aquele que atinge Minha morada, ó filho de Kuntī, jamais volta a nascer” (*Bhagavad-gītā* 8.16).

O Universo é dividido nos sistemas planetários superior, intermediário e inferior. A Terra é considerada um membro do sistema planetário intermediário. Kṛṣṇa chama a atenção para o fato de que, mesmo que se entre no planeta mais elevado entre todos os planetas, chamado Brahmaloḥa, ainda assim vai haver a repetição de nascimentos e mortes. Os outros planetas do Universo estão cheios de entidades vivas. Não devemos pensar que estamos aqui e todos os outros planetas são vazios. Pela experiência, podemos comprovar que nenhum lugar na Terra é desabitado. Se cavamos a terra, encontramos minhocas. Se mergulhamos na água, encontramos seres aquáticos; se olhamos para o céu, encontramos muitas aves. Como é possível concluir que não há entidades vivas nos outros planetas?

Mas Kṛṣṇa nos chama a atenção para o fato de que, mesmo que entremos nos planetas onde residem os grandes semideuses, continuaremos sujeitos à morte. Novamente, Kṛṣṇa repete que se atingimos Seu planeta, não temos de voltar a nascer.

Devemos considerar mui seriamente a obtenção de nossa vida eterna, plena de conhecimento e bem-aventurança. Estamos esquecidos de que esta é realmente a meta da nossa vida, nosso verdadeiro interesse próprio. Por que nos esquecemos disto? Estamos simplesmente presos na armadilha do brilho material, dos arranha-céus, das grandes indústrias e do jogo político, embora saibamos que, mesmo construindo grandes arranha-céus, não seremos capazes de viver aqui indefinidamente. Não devemos desperdiçar nossa energia, construindo cidades e indústrias poderosas para ficarmos mais presos na armadilha da natureza material; pelo contrário, devemos utilizar nossa energia para desenvolver a consciência de Kṛṣṇa e, desse modo, obtermos um corpo espiritual com o qual possamos entrar no planeta de Kṛṣṇa. A consciência de Kṛṣṇa não é uma forma religiosa nem uma recreação espiritual; é, isso sim, a parte mais importante da entidade viva.

4. O céu além do Universo

Se mesmo os planetas superiores deste Universo estão sujeitos ao nascimento e à morte, por que os grandes *yogīs* se esforçam por se elevar até eles? Mesmo que tenham muitos poderes místicos, estes *yogīs* ainda têm a tendência de querer desfrutar das facilidades da vida material. Nos planetas superiores, é possível viver períodos de vida incrivelmente longos. O cálculo do tempo nestes planetas é indicado por Śrī Kṛṣṇa:

*sahasra-yuga-paryantam / ahar yad brahmaṇo viduḥ
rātriṁ yuga-sahasrāntām / te 'ho-rātra-vido janāḥ*

“Pelos cálculos humanos, um dia de Brahmā tem a duração de mil eras. E esta também é a duração de sua noite” (*Bhagavad-gītā* 8.17).

Uma *yuga* dura quatro milhões e trezentos mil anos. Calcula-se que este número multiplicado por mil equivale a doze horas de Brahmā no planeta Brahmāloka. Da mesma forma, a noite de Brahmā compreende outro período de doze horas. Trinta de tais dias equivalem a um mês, doze meses a um ano, e Brahmā vive por cem de tais anos. De fato, a vida no planeta Brahmāloka é longa, porém, depois de trilhões de anos, os habitantes de Brahmāloka têm de enfrentar a morte. Se não formos aos planetas espirituais, não escaparemos da morte.

*avyaktād vyaktayaḥ sarvāḥ / prabhavanty ahar-āgame
rātry-āgame pralīyante / tatraivāvyakta-samjñake*

“Quando se manifesta o dia de Brahmā, esta multidão de entidades vêm à existência, e, quando chega a noite de Brahmā, todas elas são aniquiladas” (*Bhagavad-gītā* 8.18).

Ao final do dia de Brahmā, todos os sistemas planetários inferiores são cobertos pela água, e os seres que os habitam são aniquilados. Depois desta devastação e depois que passa a noite de Brahmā, quando este se levanta de manhã, a criação acontece novamente e todos esses seres aparecem. Portanto, o mundo material está sujeito à criação e à destruição.

“O dia surge repetidamente e esta multidão de seres torna-se ativa; e de novo, ao cair da noite, ó Pārtha, eles são dissolvidos irremediavelmente” (*Bhagavad-gītā* 8.19).

Embora as entidades vivas não gostem da devastação, esta devastação virá e inundará os planetas até que todas as entidades vivas fiquem submersas na água durante a noite de Brahmā. Mas, ao chegar o dia, a água desaparece gradualmente.

“Não obstante, há outra natureza, que é eterna e transcendental a esta matéria manifesta e imanifesta. Ela é suprema e nunca é aniquilada. Quando tudo neste mundo é aniquilado, essa parte permanece tal como é” (*Bhagavad-gītā* 8.20).

Não podemos calcular a extensão do Universo material, mas a informação védica nos diz que em toda a criação há milhares de universos, e que além destes universos materiais existe outro céu que é espiritual. Ali, todos os planetas são eternos, da mesma forma que a vida de todos os seres que neles habitam. Neste verso, a palavra *bhāvaḥ* significa “natureza”, e aqui é indicada outra natureza. Neste mundo, também temos experiência de duas naturezas. A entidade viva é espírito, e, enquanto ela está dentro da matéria, a matéria tem movimento; mas, assim que a entidade viva, a centelha espiritual, sai do corpo, o corpo torna-se imóvel. A natureza espiritual é chamada de natureza superior de Kṛṣṇa, e a material é chamada de natureza inferior. Além desta natureza material, existe uma natureza superior que é totalmente espiritual. Não é possível compreender isto através do conhecimento experimental. Podemos ver milhões e milhões de estrelas através de um telescópio, mas não podemos nos aproximar delas. Temos que reconhecer nossa incapacidade. Se não podemos entender o Universo material mediante o conhecimento experimental, qual a possibilidade de entendermos Deus e Seu reino? Não é possível entender isto experimentalmente. Temos de compreender estas coisas ouvindo o *Bhagavad-gītā*. Não podemos saber quem é nosso pai através do conhecimento experimental: precisamos ouvir a palavra de nossa mãe e acreditar nela. Se não acreditarmos nela, não haverá maneira de sabermos quem é nosso pai. Se nos mantivermos fiéis ao método da consciência de Kṛṣṇa, toda a informação sobre Kṛṣṇa e Seu reino nos será revelada.

Paras tu bhāvaḥ significa “natureza superior” e *vyaktaḥ* se refere ao que vemos manifestado. Podemos ver que o Universo material manifesta-se através da Terra, do Sol, das estrelas e dos planetas. Além deste Universo, há outra natureza, uma natureza eterna. *Avyaktāt sanātanaḥ*. Esta natureza material tem um princípio e um fim, mas a natureza espiritual é *sanātanaḥ* — eterna. Ela não tem princípio nem fim. Como isto é possível? Uma nuvem, ao passar pelo céu, pode parecer cobrir uma grande distância, mas na verdade ela é apenas uma

pequena mancha que cobre uma parte insignificante de todo o céu. Porque somos tão pequenos, quando umas poucas centenas de quilômetros são cobertas pela nuvem, parece que todo o céu está coberto. Analogamente, todo este Universo material é como uma pequena e insignificante nuvem no vasto céu espiritual. Este Universo material é envolvido pelo *mahat-tattva*, a matéria. Assim como uma nuvem tem um princípio e um fim, esta natureza material também tem um princípio e um fim. Quando as nuvens desaparecem e o céu fica claro, vemos tudo tal como é. Analogamente, o corpo é como uma nuvem que passa pela alma espiritual. Ele permanece por algum tempo, gera alguns subprodutos, degenera-se e então desaparece. Quaisquer classes de fenômenos materiais que observemos estão sujeitos a estas seis transformações da natureza material — nascem, crescem, permanecem por algum tempo, geram alguns subprodutos, degeneram-se e então desaparecem. Kṛṣṇa indica que, além desta natureza cambiante como uma nuvem, há uma natureza espiritual que é eterna. Além disso, quando esta natureza material é aniquilada, esta *avyaktāt sanātanaḥ* permanece.

Nos textos védicos há bastante informação sobre os céus material e espiritual. No Segundo Canto do *Śrīmad-Bhāgavatam*, encontramos descrições do céu espiritual e seus habitantes. Há inclusive informação de que no céu espiritual existem aeroplanos espirituais velozes como um raio, e que ali as entidades liberadas viajam neles. Tudo o que encontramos aqui pode também ser encontrado lá em sua forma real. Aqui, no céu material, tudo é uma imitação ou sombra daquilo que existe no céu espiritual. Assim como num filme vemos simplesmente uma exibição ou reprodução da coisa real, no *Śrīmad-Bhāgavatam* está dito que este mundo material é apenas uma combinação de matéria modelada conforme a realidade, assim como, numa vitrine, um manequim tem como modelo uma mulher. Todo homem sensato sabe que o manequim é uma imitação. Śrīdhara Svāmī diz que, porque o mundo espiritual é real, este mundo material — sendo uma imitação — parece ser real. Devemos entender o significado de realidade — realidade significa existência que não pode ser destruída; realidade significa eternidade.

“Aqueles que vêem a verdade concluem que não há duração para o inexistente, e que não há cessação para o existente. Estas pessoas chegaram a esta conclusão, estudando a natureza de ambos” (*Bhagavad-gītā* 2.16).

O prazer verdadeiro é Kṛṣṇa, ao passo que o prazer material, que é temporário, não é real. Aqueles que podem ver as coisas tal como elas são, não participam do prazer fictício. O verdadeiro objetivo da vida humana é atingir este céu espiritual, mas, como indica o *Śrīmad-Bhāgavatam*, a maioria das pessoas não têm conhecimento disso. O destino da vida humana é compreender a realidade e transferir-se para esta. Toda a literatura védica nos instrui que não permaneçamos nesta escuridão. Este mundo material é caracteristicamente escuro, mas o mundo espiritual é cheio de luz, sem, no entanto, ser iluminado por fogo ou eletricidade. Kṛṣṇa dá prova disto no Décimo Quinto Capítulo do *Bhagavad-gītā*:

*na tad bhāsayate sūryo / na śaśāṅko na pāvakaḥ
yad gatvā na nivartante / tad dhāma paramam mama*

“Esta Minha morada não é iluminada pelo Sol nem pela Lua, nem pela eletricidade. Aquele que a alcança nunca retorna a este mundo material” (*Bhagavad-gītā* 15.6).

O mundo espiritual é chamado imanifesto porque não pode ser percebido pelos sentidos materiais.

“Essa morada suprema é chamada imanifesta e infalível, e é o destino supremo. Aquele que vai até lá nunca retorna. Essa é a Minha morada suprema” (*Bhagavad-gītā* 8.21).

Neste verso, é indicada uma longa viagem. Temos que ser capazes de penetrar no espaço exterior, atravessar o Universo material, penetrar sua cobertura e entrar no céu espiritual. *Paramām gatim* — essa viagem é suprema. Não há motivo para se ir a uma distância de uns poucos milhares de quilômetros deste planeta e depois voltar. Este tipo de viagem não é muito heróica. Temos que penetrar todo o Universo material. Isto nós não podemos fazer com naves espaciais, mas sim através da consciência de Kṛṣṇa. Aquele que está absorto na consciência de Kṛṣṇa e que à hora da morte pensa em Kṛṣṇa é imediatamente transferido para lá. Se quisermos realmente ir a esse céu espiritual e cultivar uma vida eterna, plena de conhecimento e bem-aventurança, teremos de começar logo o cultivo de um corpo *sac-cid-ānanda*. É dito que Kṛṣṇa tem um corpo *sac-cid-ānanda* — *īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ sac-cid-ānanda-vigrahaḥ* — e que nós também temos semelhantemente um corpo de eternidade, conhecimento e bem-aventurança, mas que este corpo é muito pequeno e está coberto pela roupa da matéria. Se de alguma forma formos capazes de abandonar esta roupa falsa, poderemos atingir esse reino espiritual. E, uma vez que alcancemos esse mundo espiritual, não é necessário voltar (*yam prāpya na nivartante*).

Todos devem, então, tentar ir a essa *dhāma paramam* — a suprema morada de Kṛṣṇa. O próprio Kṛṣṇa vem nos chamar, e nos faculta as escrituras capazes de nos guiar e envia Seus representantes autênticos.

Devemos tirar proveito desta facilidade oferecida à vida humana. Aquele que alcança esta morada suprema já não necessita fazer penitências, austeridades, meditações ióguicas, etc., mas, para aquele que não a alcança, todas as penitências e austeridades são um inútil desperdício de tempo. A forma humana de vida é uma oportunidade para conseguir esta bênção, e é dever do Estado, dos pais, professores e tutores elevar aqueles que adquiriram esta forma humana de vida para que atinjam esta perfeição da vida. Simplesmente comer, dormir, acasalar-se e brigar como os cachorros e os gatos não é civilização. Devemos utilizar devidamente esta forma humana de vida e tirar proveito deste conhecimento para nos prepararmos na consciência de Kṛṣṇa, de maneira que estejamos absortos nEle durante as vinte e quatro horas do dia, e, à hora da morte, sejamos transferidos imediatamente para o céu espiritual.

“A Suprema Personalidade de Deus, que é maior que todos, é atingível através da devoção pura. Embora presente em Sua morada, Ele é onipenetrante e tudo está situado nEle” (*Bhagavad-gītā* 8.22).

Se estamos realmente interessados em alcançar esta morada suprema, o processo, tal como é indicado aqui, é *bhakti*. *Bhaktyā* significa serviço devocional, submissão ao Senhor Supremo. A raiz da palavra *bhaktyā* é *bhaj*, que significa serviço. A definição de *bhakti* dada no *Nārada-pañcarātra* é “ausência de designações”. Se nos determinamos a nos livrar de todas as designações que estão ligadas à alma espiritual pura, e que surgem devido ao corpo e sempre mudam quando o corpo muda, poderemos atingir *bhakti*. *Bhakti* é compreender que não somos matéria, mas sim espírito puro. Nossa identidade verdadeira não é este corpo, que não passa de uma cobertura do espírito. Nossa verdadeira identidade é *dāsa*, servo de Kṛṣṇa. Aquele que se situa em sua verdadeira identidade e presta serviço a Kṛṣṇa é um *bhakta*. *Hṛṣīkeṣa-hṛṣīkeṣa-sevanam*: quando nossos sentidos estiverem isentos das designações materiais, vamos utilizá-los no serviço ao senhor dos sentidos, Hṛṣīkeṣa, ou Kṛṣṇa.

Como indica Rūpa Gosvāmī, temos que servir desinteressadamente a Kṛṣṇa. Geralmente, queremos servir a Deus em troca de algum objetivo ou lucro material. Evidentemente, aquele que se volta para Deus em busca de benefícios materiais é melhor que aquele que nunca se aproxima de Deus, mas devemos nos livrar do desejo de benefícios materiais. Nossa meta deve ser compreender Kṛṣṇa. É claro que Kṛṣṇa é ilimitado e não é possível compreendê-LO, mas temos de aceitar aquilo que podemos compreender. O *Bhagavad-gītā* é apresentado especificamente para podermos compreender isto. Ao receber conhecimento dessa maneira, devemos saber que Kṛṣṇa se satisfaz, e devemos servi-LO desinteressadamente de acordo com o que O agrada. A consciência de Kṛṣṇa é uma grande ciência e sua literatura é muito vasta; portanto, devemos utilizá-la para chegar a *bhakti*.

Puruṣaḥ sa paraḥ: no céu espiritual, o Senhor Supremo está presente como a Pessoa Suprema. Lá, existem inumeráveis planetas luminosos, e em cada um deles reside uma expansão de Kṛṣṇa. Estas expansões têm quatro braços e inumeráveis nomes. Todas elas são pessoas — elas não são impessoais. Podemos nos aproximar destes puruṣas, ou pessoas, através de *bhakti* — a devoção sem os desvios da atividade frutiva — e não através de desafios, de especulação filosófica, de invenções mentais ou de exercícios físicos.

Como é o *puruṣaḥ*, a Pessoa Suprema? *Yasyānta-ḥsthāni bhūtāni yena sarvam idaṁ tatam*: todas as entidades vivas e todas as coisas estão nEle, e, não obstante, Ele está fora de tudo e é onipenetrante. Como é isto? Ele é como o Sol, que está situado em um local e, não obstante, está presente em toda parte através de seus raios. Embora Deus esteja situado em Sua *dhāma paramam*, Suas energias são distribuídas por toda parte. Tampouco Ele é diferente de Suas energias, assim como o brilho do Sol não é diferente do Sol. Uma vez que Kṛṣṇa e Suas energias não são diferentes, podemos ver Kṛṣṇa em toda parte se somos avançados no serviço devocional.

“Adoro Govinda, a Personalidade de Deus original, a quem olham dentro de seus corações os devotos puros cujos olhos estão untados com o bálsamo do amor a Deus” (*Brahma-saṁhitā* 5.38).

Aqueles que estão saturados de amor a Deus vêem Deus constantemente diante de si. Não é que tenhamos visto Deus ontem à noite e agora Ele já não está presente. Não, para quem é consciente de Kṛṣṇa, Kṛṣṇa está sempre presente e pode ser percebido constantemente. Temos simplesmente que desenvolver nossa visão para vê-LO.

Devido a nosso cativeiro material, a cobertura dos sentidos materiais, não podemos entender o que é espiritual, mas esta ignorância pode ser eliminada através do processo de cantar Hare Kṛṣṇa. Como é isto? Uma pessoa adormecida pode ser despertada pela vibração sonora. Mesmo que ao dormir estejamos inconscientes e todas as nossas funções básicas — a visão, o tato, o olfato, etc. — estejam paradas, o sentido da audição é tão saliente que a vibração sonora pode nos despertar. Analogamente, a alma espiritual, embora se encontre agora sob o jugo do sono do contato com a matéria, pode ser revivida através desta vibração sonora transcendental: Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Hare Kṛṣṇa é simplesmente uma maneira de nos dirigirmos ao Senhor Supremo e a

Além do Nascimento e da Morte

Suas energias. *Hare* significa energia, e *Kṛṣṇa* é o Senhor Supremo. Assim, quando cantamos Hare Kṛṣṇa, estamos dizendo: “Ó energia do Senhor, ó Senhor, por favor, aceita-me”. Não há outra oração que possamos oferecer em troca da aceitação dEle. Não há sentido em se orar pedindo o pão de cada dia, pois o pão sempre o conseguimos. Hare Kṛṣṇa é apenas uma forma de se dirigir ao Senhor Supremo, pedindo-Lhe que nos aceite. O próprio Senhor Caitanya Mahāprabhu orava:

*ayi nanda-tanuja kiṅkaram / patitam mām viṣame bhavāmbudhau
kṛpayā tava pāda-paṅkaja-sthita-dhūli-sadṛśam vicintaya*

“Ó filho de Mahārāja Nanda, sou Teu servo eterno, e, apesar de o ser, de alguma forma caí no oceano de nascimentos e mortes. Portanto, por favor, tira-me deste oceano de mortes e coloca-me como um dos átomos a Teus pés de lótus” (*Śikṣāṣṭaka*, 5).

A única esperança para um homem perdido no meio do oceano é que alguém venha e o salve de morrer afogado. Se alguém vem e o levanta acima da água, ele fica imediatamente aliviado. Analogamente, se através do processo da consciência de Kṛṣṇa, formos tirados do oceano de nascimentos e mortes, ficaremos imediatamente aliviados.

Embora não consigamos perceber a natureza transcendental do Senhor Supremo, de Seu nome, fama e atividades, se nos estabelecermos na consciência de Kṛṣṇa, o próprio Deus revelar-Se-á gradualmente diante de nós. Não podemos ver Deus através de nosso próprio esforço, mas, se nos qualificarmos, Deus Se revelará, e então vê-LO-emos. Ninguém pode mandar que Deus apareça e dance em sua frente. Temos que agir de tal maneira que Kṛṣṇa Se sinta satisfeito em Se revelar a nós.

Kṛṣṇa nos dá informação sobre Ele mesmo no *Bhagavad-gītā*, e não há por que duvidar disto; temos simplesmente que sentir isto, entender isto. Não há uma qualificação preliminar necessária para entendermos o *Bhagavad-gītā*, pois ele é falado da plataforma absoluta. O simples processo de cantar os nomes de Kṛṣṇa revelará o que somos, o que é Deus, que são os universos material e espiritual, o porquê de nosso condicionamento, como podemos nos livrar deste condicionamento e, passo a passo, tudo o mais. Na verdade, o processo de fé e revelação não nos é estranho. Todos os dias depositamos nossa fé em alguma coisa, confiando em que essa coisa nos será revelada mais tarde. Ao comprarmos uma passagem para a Índia, temos fé de que seremos transportados para lá. Por que haveríamos de pagar por uma simples passagem? Não damos o dinheiro para qualquer um. Mas, a agência de viagem é autorizada, e a linha aérea é autorizada, e daí surge a nossa fé. Sem fé, não podemos tomar nenhuma medida no curso ordinário de nossa vida. Devemos ter fé, mas naquilo que é autorizado. Não é que devamos ter fé cega, mas devemos, isso sim, aceitar algo que seja reconhecido. O *Bhagavad-gītā* é reconhecido e aceito como uma escritura por todas as classes de homens na Índia, e, fora da Índia, muitos intelectuais, teólogos e filósofos aceitam o *Bhagavad-gītā* como uma obra de grande autoridade. Não resta dúvida de que o *Bhagavad-gītā* é uma autoridade. Até o professor Albert Einstein, um grande cientista, lia o *Bhagavad-gītā* regularmente.

Partindo do *Bhagavad-gītā*, temos de aceitar que existe um Universo espiritual, o reino de Deus. Se, de alguma maneira, fôssemos transportados a um país onde não tivéssemos que sofrer o nascimento, a velhice, a doença e a morte, não nos sentiríamos felizes? Se ouvíssemos falar de um país assim, certamente tentaríamos ir até ele, valendo-nos de todos os esforços. Ninguém quer envelhecer; ninguém quer morrer. De fato, um lugar livre de tais sofrimentos seria o desejo de nosso coração. Por que queremos um lugar assim? Porque temos o direito, a prerrogativa, de querê-lo. Nós somos eternos, plenos de conhecimento e bem-aventurança, mas, por termos sido cobertos pelo envolvimento material, esquecemo-nos de nós mesmos. O *Bhagavad-gītā* nos oferece a vantagem de nos capacitar a reviver nossa posição original.

Os Śāṅkaristas e budistas afirmam que o mundo transcendental é vazio, mas o *Bhagavad-gītā* não nos desaponta assim. A filosofia do vazio tem simplesmente criado ateístas. Nós somos seres espirituais, e queremos o prazer, mas, se pensarmos que nosso futuro é um vazio, nos sentiremos inclinados a gozar desta vida material. Dessa maneira, os impersonalistas discorrem sobre a filosofia do vazio enquanto tentam gozar o mais que podem desta vida material. Podemos desfrutar, especulando dessa maneira, mas isto não traz nenhum benefício espiritual.

“Aquele que está assim situado transcendentalmente, compreende imediatamente o Brahman Supremo. Ele nunca lamenta nem deseja ter nada; ele tem a mesma atitude com todas as entidades vivas. Neste estado, ele atinge o serviço devocional puro a Mim” (*Bhagavad-gītā* 18.54).

Aquele que progrediu na vida devocional e que está saboreando o serviço a Kṛṣṇa tornar-se-á automaticamente desapegado do gozo material. O sintoma de uma pessoa absorta em *bhakti* é que ela está completamente satisfeita com Kṛṣṇa.

5. Associando-se com Kṛṣṇa

Se conseguimos algo superior, naturalmente abandonamos todas as coisas inferiores. Nós queremos o prazer, mas o impersonalismo e a filosofia do vazio têm criado uma atmosfera tal que ficamos viciados no gozo material. Devemos desfrutar de nossa relação com a Pessoa Suprema (*puruṣaḥ sa paraḥ*), o qual podemos ver face a face. No céu espiritual, podemos falar pessoalmente com Deus, brincar com Ele, comer com Ele, etc. Tudo isto pode ser alcançado através de *bhaktiyā* — transcendental serviço amoroso. Contudo, este serviço deve ser prestado sem adulteração, isto é, devemos amar Deus sem esperar remunerações materiais. Amar Deus com o fim de tornar-se uno com Ele também é uma forma de adulteração.

Uma das diferenças principais entre o céu espiritual e o céu material é que no céu espiritual o cabeça ou o líder dos planetas espirituais não tem rivais. Em todos os casos, a personalidade predominante nos planetas espirituais é uma expansão plenária de Śrī Kṛṣṇa. O Senhor Supremo e Suas múltiplas manifestações presidem todos os planetas Vaikuṅṭha. Na Terra, por exemplo, há rivalidade para a posição de presidente ou primeiro-ministro, mas no céu espiritual todos reconhecem a Suprema Personalidade de Deus como o Supremo. Aqueles que não O reconhecem e tentam rivalizar com Ele são postos no Universo material, que é como uma prisão. Assim como em qualquer cidade existe uma prisão, que é apenas uma parte muito insignificante de toda a cidade, da mesma forma, o Universo material é uma prisão para as almas condicionadas. Este Universo constitui apenas uma parte insignificante do céu espiritual, mas não está fora do céu espiritual, assim como uma prisão não está fora da cidade.

Os habitantes dos planetas Vaikuṅṭha no céu espiritual são todas almas liberadas. O *Śrīmad-Bhāgavatam* nos informa que as características de seus corpos são idênticas às do corpo de Deus. Em alguns destes planetas, Deus Se manifesta com dois braços, e em outros, com quatro. Assim como o Senhor Supremo, os habitantes desses planetas também manifestam dois e quatro braços, e é dito que não se podem distingui-los da Pessoa Suprema. No mundo espiritual, há cinco classes de liberação. *Sāyujya-mukti* é uma classe de liberação em que nos fundimos na existência impessoal do Senhor Supremo, chamada Brahman. Outra forma de liberação é *sārūpya-mukti*, através da qual recebemos características idênticas às de Deus. Outra liberação é a *sālokya-mukti*, através da qual podemos viver no mesmo planeta que Deus. E através da *sārṣṭi-mukti* podemos ter opulências semelhantes às do Senhor Supremo. Outra classe de liberação capacita-nos a permanecer sempre com Deus como um de Seus companheiros, como por exemplo, Arjuna, que está sempre com Kṛṣṇa como Seu amigo. Pode-se ter qualquer uma destas cinco formas de liberação, mas, dentre as cinco, os devotos vaiṣṇavas não aceitam a forma *sāyujya-mukti*, ou a fusão no aspecto impessoal. Um vaiṣṇava deseja adorar Deus tal como Ele é, e conserva sua individualidade separada para servir a Ele, ao passo que o filósofo māyāvādī impessoal deseja perder sua individualidade e fundir-se na existência do Supremo. Esta fusão não é recomendada nem por Śrī Kṛṣṇa no *Bhagavad-gītā*, nem pela sucessão discipular de filósofos vaiṣṇavas. O Senhor Caitanya Mahāprabhu escreveu sobre este assunto em Seu *Śikṣāṣṭaka*:

*na dhanam na janam na sundarīm / kavitaṁ vā jagad-īśa kāmāye
mama janmani janmanīśvare / bhavatād bhaktir ahaitukī tvayi*

“Ó Senhor todo-poderoso! Não desejo acumular riquezas, nem desejo desfrutar de belas mulheres, nem quero seguidores. Eu só desejo Teu serviço devocional imotivado — nascimento após nascimento” (*Śikṣāṣṭaka*, 4).

Aqui, o Senhor Caitanya Mahāprabhu menciona “nascimento após nascimento”. Quando há nascimento após nascimento, não há liberação. Na liberação, ou alcançamos os planetas espirituais, ou nos fundimos na existência do Supremo — em ambos os casos, não voltamos a nascer no mundo material. Mas Caitanya Mahāprabhu não Se importa com ser liberado ou não: Sua única preocupação é estar ocupado na consciência de Kṛṣṇa, servir ao Senhor Supremo. O devoto não se importa com o lugar onde está, nem se importa se nasce na sociedade animal, na sociedade humana, na sociedade dos semideuses ou o que seja — ele só ora a Deus pedindo-Lhe a graça de não esquecer-IO e de poder estar sempre ocupado em Seu serviço transcendental. São estes os sintomas da devoção pura. É claro que um devoto, onde quer que ele esteja, encontra-se no reino espiritual, mesmo enquanto esteja neste corpo material. Mas ele nunca exige nada de Deus para sua própria elevação pessoal ou para seu conforto pessoal.

Embora Śrī Kṛṣṇa indique que pode ser facilmente alcançado por aquele que se dedica a Ele, há um risco para os *yogīs* que praticam outros métodos de *yoga*. Para esses *yogīs*, Kṛṣṇa dá orientações no *Bhagavad-gītā* a respeito do momento adequado para abandonarem o corpo grosseiro.

yatra kāle tv anāvṛttim / āvṛttim caiva yoginaḥ

Além do Nascimento e da Morte

prayātā yānti tam kālam / vakṣyāmi bharatarṣabha

“Ó melhor dos Bhāratas, agora vou te explicar sobre os diferentes momentos nos quais, ao abandonar esse mundo, regressa-se ou não” (*Bhagavad-gītā*8.23).

Aqui, Kṛṣṇa indica que, se somos capazes de deixar o corpo em um determinado momento, podemos nos libertar, sem ter jamais de regressar ao mundo material. Por outro lado, Ele indica que, se morremos em outro momento, temos de regressar. Existe este fator de probabilidade, mas a questão da probabilidade não existe para um devoto que esteja sempre na consciência de Kṛṣṇa: ele, devido à sua devoção pelo Senhor, tem garantida a sua entrada no reino de Kṛṣṇa.

“Aqueles que conhecem o Brahman Supremo abandonam o mundo durante a influência do deus do fogo, à luz, em um momento auspicioso, durante a quinzena da lua e os seis meses em que o Sol viaja no norte” (*Bhagavad-gītā*8.24).

O Sol passa seis meses no lado setentrional do equador e seis meses no lado meridional. O *Śrīmad-Bhāgavatam* nos informa que, assim como os planetas se movimentam, o Sol também se movimenta. Aquele que morre quando o Sol está situado no hemisfério setentrional alcança a liberação.

“O místico que abandona este mundo durante a fumaça, a noite, a quinzena sem lua, ou durante os seis meses em que o Sol passa pelo sul, ou que alcança o planeta Lua, volta novamente. De acordo com os *Vedas*, há duas formas de abandonar este mundo — na luz e nas trevas. Aquele que morre na luz não regressa, mas aquele que morre nas trevas regressa” (*Bhagavad-gītā*8.25-26).

Tudo isto acontece por acaso. Não sabemos quando vamos morrer, e podemos morrer acidentalmente a qualquer momento. Mas, para o *bhakti-yogī*, que está estabelecido na consciência de Kṛṣṇa, não existe casualidade. Ele está sempre seguro.

*naite sṛtī pārtha jānan / yogī muhyati kaścana
tasmāt sarveṣu kāleṣu / yoga-yukto bhavāṛjuna*

“Os devotos que conhecem estes dois caminhos, ó Arjuna, nunca se confundem. Portanto, mantém-te sempre fixo na devoção” (*Bhagavad-gītā*8.27).

Já foi afirmado que se à hora da morte podemos pensar em Kṛṣṇa somos imediatamente transferidos para a morada de Kṛṣṇa.

“E quem quer que, à hora da morte, abandone o corpo lembrando-se apenas de Mim, alcança imediatamente a Minha natureza. Quanto a isto não há dúvida. Aquele que medita na Suprema Personalidade de Deus, com a mente constantemente ocupada em lembrar-se de Mim, sem se desviar do caminho, ó Pārtha [Arjuna], certamente Me alcança” (*Bhagavad-gītā*8.5, 8.8).

Esta meditação em Kṛṣṇa pode parecer muito difícil, mas não o é. Se praticarmos a consciência de Kṛṣṇa, cantando o *mahā-mantra* Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare, seremos rapidamente ajudados. Kṛṣṇa e Seu nome não são diferentes, e Kṛṣṇa e Sua morada transcendental também não são diferentes. Por meio da vibração sonora, podemos fazer com que Kṛṣṇa Se associe a nós. Por exemplo, se cantarmos Hare Kṛṣṇa na rua, veremos que Kṛṣṇa estará nos acompanhando, da mesma forma que, quando olhamos para o céu e vemos a Lua, percebemos que ela também nos acompanha. Se a energia inferior de Kṛṣṇa parece nos acompanhar, não seria possível que o próprio Kṛṣṇa estivesse conosco ao cantarmos Seus nomes? Ele vai nos acompanhar, mas temos que nos qualificar para estar na companhia dEle. Se, entretanto, estamos sempre absortos pensando em Kṛṣṇa, devemos estar certos de que Kṛṣṇa estará sempre conosco. O Senhor Caitanya Mahāprabhu ora:

*nāmnām akāri bahudhā nija-sarva-śaktis
tatrārpitā niyamitaḥ smarāṇe na kālāḥ
etādṛśī tava kṛpā bhagavan mamāpi
durdaivam īdṛśam ihājani nānurāgaḥ*

“Ó meu Senhor! Só o Teu santo nome pode conceder toda a bênção aos seres vivos, e por isso tens centenas e milhões de nomes, como Kṛṣṇa e Govinda. Nestes nomes transcendentais, aplicaste todas as Tuas energias transcendentais, não havendo regras fixas para cantá-los. Ó meu Senhor! Tão bondosamente facilitaste o aproximar-se de Ti através de Teus santos nomes, mas, infeliz como sou, não sinto atração por eles” (*Śikṣāṣṭaka*, 2).

Simplemente por cantar podemos ter todas as vantagens do contato pessoal com Kṛṣṇa. O Senhor Caitanya Mahāprabhu, que é considerado não apenas uma alma realizada, mas também uma encarnação do

Além do Nascimento e da Morte

próprio Kṛṣṇa, indica que nesta era de Kali, embora não haja oportunidades reais para a auto-realização, Kṛṣṇa é tão bondoso que nos deu este *śabda* (encarnação sonora) para que seja utilizado como o *yuga-dharma*, ou a forma de realização para esta era. Nenhuma qualificação especial é necessária para seguir este método; não precisamos sequer saber sânscrito. As vibrações de Hare Kṛṣṇa são tão potentes que qualquer pessoa pode imediatamente começar a cantá-las sem nenhum conhecimento de sânscrito.

“A pessoa que aceita o caminho do serviço devocional não se priva dos resultados obtidos pelo estudo dos *Vedas*, pela execução de sacrifícios austeros, por se dar caridade ou pela execução de atividades filosóficas e fruitivas. No fim, ela alcança a morada suprema” (*Bhagavad-gītā* 8.28).

Aqui, Kṛṣṇa diz que o objetivo de todas as instruções védicas é atingir a meta última da vida — voltar ao Supremo. Todas as escrituras de todos os países visam a esta meta. E, também, esta tem sido a mensagem de todos os reformadores religiosos ou *ācāryas*. No Ocidente, por exemplo, o Senhor Jesus Cristo difundiu esta mesma mensagem. Analogamente, o Senhor Buddha e Maomé fizeram a mesma coisa. Nenhum deles nos aconselha a estabelecermo-nos permanentemente aqui neste mundo material. Pode haver pequenas diferenças conforme o país, o tempo e a circunstância, e conforme o preceito das escrituras, mas, o princípio básico de que nosso destino não é este mundo material, mas sim o mundo espiritual, é aceito por todos os transcendentalistas genuínos. Tudo o que é indicado para a satisfação dos mais íntimos desejos de nossa alma aponta para estes mundos de Kṛṣṇa que estão além do nascimento e da morte.